ISSN 1984-4891
OBSERVATORIUM
REVISTA ELETRÔNICA DE GEOGRAFIA

A PAISAGEM CULTURAL DE PARATY (RJ) SOB A INFLUÊNCIA DO TURISMO

THE CULTURAL LANDSCAPE OF PARATY (RJ) UNDER THE INFLUENCE OF TOURISM

Luana Gonçalves da Silva[1]

Karen Katlein Ramos Guimarães[2]

RESUMO

O presente artigo tem como objeto de estudo o município de Paraty, no estado do Rio de Janeiro, sendo orientado a partir de um trabalho de campo desenvolvido no Programa de Educação Tutorial (PET) de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). O texto propõe uma discussão a partir dos referenciais da Geografia Cultural, abordando aspectos históricos dessa vertente e articulando-os à análise da paisagem cultural do município. Buscando, assim, compreender as relações entre cultura e práticas do turismo que se materializam na formação da paisagem cultural do município.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia cultural; Paraty; Paisagem; Turismo;

ABSTRACT

This article focuses on the municipality of Paraty, in the state of Rio de Janeiro, drawing upon fieldwork conducted through the Geography Tutorial Education Program (PET) at the Federal University of Uberlândia (UFU). The text presents a discussion grounded in the frameworks of Cultural Geography, addressing the historical aspects of this field and linking them to an analysis of the municipality's cultural landscape, thereby seeking to understand the relationships between culture and tourism practices as they materialize in the formation of that landscape.

KEYWORDS: Cultural geography; Paraty; Landscape; Tourism.

[1] Licenciada em Geografia na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Discente do curso de bacharelado em Geografia do Instituto de Geografia, Geociências e Saúde Coletiva (IGESC) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: luana.goncalves@ufu.br

[2] Discente do curso de graduação em Geografia do Instituto de Geografia, Geociências e Saúde Coletiva (IGESC) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsista PET MEC do grupo PET Geografia – IGESC-UFU. E-mail: karen.guimaraes@ufu.br

INTRODUÇÃO

A paisagem constitui uma importante categoria de análise da Geografia, possibilitando compreender as relações estabelecidas entre sociedade, natureza e espaço. No âmbito da Geografia Cultural, sua compreensão ultrapassa os aspectos visíveis e materiais, incorporando práticas, valores, símbolos, memórias e significados construídos pelos diferentes grupos sociais. Dessa forma, a paisagem cultural pode ser entendida como expressão das relações históricas e culturais que se materializam e se ressignificam no espaço.

Nesse contexto, o município de Paraty, localizado no litoral sul do estado do Rio de Janeiro, apresenta uma paisagem cultural marcada pela diversidade de elementos históricos, naturais e culturais. Seu processo de formação esteve relacionado a diferentes atividades econômicas e formas de ocupação, cujas marcas permanecem presentes em sua arquitetura, nas manifestações religiosas, nas práticas tradicionais e nos modos de vida da população. Ao longo do tempo, essas características também passaram a constituir importantes atrativos para o desenvolvimento da atividade turística.

A expansão do turismo, entretanto, promove transformações nas formas de apropriação e uso do espaço, produzindo novas dinâmicas na paisagem e interferindo nas práticas cotidianas da população local. Nesse sentido, torna-se relevante compreender de que maneira a atividade turística participa da produção da paisagem cultural de Paraty e quais contradições emergem desse processo.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo analisar a paisagem cultural de Paraty a partir da influência do turismo, considerando as relações entre patrimônio, práticas culturais e apropriação do espaço. Para isso, parte-se de uma discussão sobre a formação da Geografia Cultural e do conceito de paisagem cultural, articulada às observações realizadas durante o trabalho de campo desenvolvido pelo Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), buscando compreender as transformações e permanências que caracterizam o município.

Um panorama sobre a Geografia Cultural: história e formação da "paisagem cultural"

A Geografia Cultural, enquanto subcampo da Geografia dedicada ao estudo da dimensão espacial da cultura, passou por notórias reformulações desde o início do século XX. Portanto, faz-se necessário realizar uma retomada histórica do termo, a fim de estabelecer bases para sua compreensão.

A Geografia Cultural ganhou notoriedade sobretudo a partir das contribuições de Carl Sauer, da Escola Berkeley, que fundamentou suas ideias em uma geografia pautada na historicidade, atribuindo-lhe papel central na compreensão da diversidade cultural. Para Sauer, a paisagem era interpretada a partir de seus aspectos naturais, sendo o homem considerado o principal agente de transformação do espaço. Seu enfoque recaiu, majoritariamente, sobre as comunidades tradicionais, relegando a um plano secundário, ou quase inexistente, a sociedade urbano-industrial (Corrêa e Rosendahl, 2004, p.10). Paralelamente, Sauer compreendia a cultura como um conjunto de saberes, técnicas, crenças e valores, porém, sendo uma "entidade supra-orgânica com suas próprias leis, pairando sobre os indivíduos, considerados apenas como mensageiros da cultura, sem autonomia" (Corrêa e Rosendahl, 2004, p.11). Em outras palavras, a cultura era concebida como uma força autônoma e independente das ações individuais, responsável por moldar as formas de vida, de produção e de organização social dos indivíduos. Sendo assim, de acordo com Caetani e Bezzi (2011) pode-se afirmar que a cultura resulta tanto das condições naturais quanto das ações e conflitos humanos diante das limitações impostas pelo meio físico e pelas relações sociais. Nesse processo, ela se expressa concretamente na paisagem, ao imprimir nela símbolos e marcas que revelam uma identidade cultural particular, passando a ser considerada como uma paisagem cultural.

Essas perspectivas, embora tenham sido fundamentais para a consolidação da Geografia Cultural, suscitaram críticas relevantes a Sauer, principalmente em razão de seu enfoque restrito às comunidades tradicionais e da concepção da cultura como uma força autônoma e independente ao ser humano. Tais limitações contribuíram para a renovação do campo, marcado, então, pela emergência da denominada Nova Geografia Cultural.

De acordo com Corrêa e Rosendahl (2004), a renovação do campo se deu, em parte, a partir da valorização da cultura nas ciências humanas, sobretudo a partir da

década de 1980. Nesse contexto, a geografia passou a incorporar influências da fenomenologia e do materialismo cultural, o que implicou em críticas à Geografia Cultural saueriana e na redefinição do conceito de cultura. Se anteriormente esta era concebida como uma entidade supra-orgânica, autônoma em relação aos indivíduos, passa a ser compreendida como parte integrante do cotidiano, colocando-a como dotada de um sentido político. Ainda constituída por um conjunto de saberes, técnicas, crenças e valores, mas que, nessa nova perspectiva, deixa de ter caráter explicativo em si mesma e passa a ser entendida como "um reflexo, mediação e condição social. Não tem poder explicativo, ao contrário, necessita ser explicada." (Corrêa e Rosendahl, 2004, p.13). Enquanto a paisagem, segundo Caetano e Bezzi (2004, p. 458) passou a ser compreendida como:

> Fruto dos acontecimentos históricos responsáveis por sua evolução, seguindo as diretrizes do método dialético e da compreensão de que as formas influenciadas pela presença de determinada cultura moldam essa paisagem, manifestando a relação entre o homem e o meio.

Assim, a formação de uma paisagem cultural pressupõe a utilização de instrumentos, técnicas e práticas próprias de determinado grupo social, por meio dos quais a paisagem natural, que hoje se encontra praticamente inexistente em sua forma original, é transformada em uma paisagem humanizada, carregada de significados culturais. Nesse contexto, a Geografia Cultural amplia seu olhar ao considerar tanto a materialidade quanto a imaterialidade na leitura da paisagem, atribuindo ao conceito maior subjetividade. A partir desse momento, torna-se necessário analisar os símbolos e signos de uma determinada cultura, compreendendo ambos como elementos constitutivos da paisagem. Logo:

A paisagem cultural é constituída, nesse sentido, pelos códigos da cultura que a formou, sendo a expressão da identidade desse grupo por meio de suas formas visíveis e dos seus hábitos, atribuindo significado a essa categoria de espaço. A representatividade cultural da paisagem não se refere, apenas, aos aspectos materializados, mas a tudo que faz parte dela, sejam os aromas, sons, as pessoas, animais e objetos que "preenchem" essa paisagem de vida, cores e peculiaridades. (Caetano e Bezzi, 2011, p. 460).

Nessa perspectiva, a paisagem cultural revela-se como um registro da interação entre sociedade e espaço, evidenciando tanto a materialidade quanto os valores, práticas e sentidos que moldam a vivência humana no território.

Turismo e produção do espaço em Paraty: Impactos sobre a vida local

O município de Paraty, localizado no litoral sul do Estado do Rio de Janeiro, possui uma área territorial de aproximadamente 924,3 km², dos quais, apenas cerca de 18 km² correspondem à área urbanizada, e conta com uma população estimada em 45.243 habitantes (IBGE, 2022). Buscando respostas para a formação de sua paisagem cultural, apresentamos um esboço histórico acerca da estruturação do município.

O processo de formação de Paraty esteve inicialmente pautado em atividades de subsistência, como a pesca e o cultivo de alimentos, além de sua função estratégica como porto de escoamento do ouro explorado no interior do país, especialmente durante o ciclo minerador. Essa dinâmica econômica possibilitou, ao longo dos séculos XVIII e XIX, o desenvolvimento de um município marcado por construções de grande porte e arquitetura elegante, financiadas pela riqueza gerada pela exploração do trabalho escravizado nos engenhos de cana-de-açúcar. Nesses engenhos, se produzia a aguardente, muito valorizada na época, chegando a ser utilizada como moeda de troca no comércio de pessoas escravizadas no continente africano (Souza, 2008, p. 220).

Paes (2015), argumenta que Paraty enfrentou no final do século XIX uma crise sanitária, onde doenças como malária e febre amarela se propagam juntamente com a cólera, essa última potencializada pela falta de esgoto e água tratada na cidade. A partir desse cenário, ocorreram fluxos de emigração, desvalorização dos imóveis, ausência de profissionais e serviços, bem como o abandono das plantações e engenhos da cidade (Paes, 2015, p. 108), demonstrando grande decadência e a evasão da região naquele período.

Todavia, mesmo diante do processo de evasão populacional e da perda de diversos registros históricos de Paraty devido a ação do tempo, a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 1937, suscitou um interesse pela preservação do patrimônio cultural brasileiro, inserido o centro urbano no projeto de construção de uma identidade nacional. Nesse sentido, os bens culturais do município que já integravam a vida cotidiana dos moradores, passaram a ser objeto contributivo não só para sua preservação, como no aumento do turismo e na redefinição econômica (Souza, 2008, p. 224).

Em 1970, ocorre a abertura da rodovia Rio-Santos (BR-101), marco fundamental para a integração territorial de Paraty. A rodovia passou a conectar de maneira mais

direta cidades do sudeste, promovendo uma maior intensificação do fluxo de pessoas e consequentemente, aumentando o turismo na região. Tal prerrogativa acabou marginalizando os pescadores e lavradores locais, que perderam espaço de suas práticas tradicionais, dando lugar à valorização imobiliária dos terrenos orientados à prática do turismo. O Governo Federal, através do Programa de Reconstrução de Cidades Históricas (PCH) marcou uma visão na qual a preservação da arquitetura e o planejamento da infraestrutura urbana passaram a ser enviesados com a exploração turística, com foco na refuncionalização dos centros históricos (Paes, 2015, p.111), além do grande investimento em restaurações e capacitação de profissionais para a hotelaria, unindo cultura e economia.

Atualmente, o município se destaca como um relevante polo turístico nacional e internacional, em decorrência de seus expressivos atrativos culturais e naturais. Reconhecida por seu patrimônio arquitetônico e por sua diversidade cultural, Paraty também abriga ecossistemas de significativa riqueza ambiental. Essa combinação entre patrimônio histórico e riqueza natural confere ao município uma posição de destaque no cenário turístico brasileiro. Em 2019, Paraty foi considerada como Patrimônio Mundial da UNESCO (2025), justamente em razão da articulação entre bens culturais e naturais, consolidando-se como um espaço de notável relevância, tanto histórica, quanto ambiental e simbólica, além de compor-se como um território representativo da interação entre o homem e o meio. Tal como evidenciado no parágrafo a seguir:

> A Paisagem Cultural de Paraty é um testemunho excepcional da interação humana com o meio ambiente. Desde a pré-história, grupos humanos têm vivido em interação com a paisagem e explorado os recursos naturais terrestres e hídricos que caracterizam a região e emolduram o território construído, produzindo assentamentos e conferindo significado cultural às características naturais, evoluindo, mas mantendo os elementos naturais mais importantes. (UNESCO, 2025)

Ao longo do trabalho de campo realizado em novembro de 2024, através do Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) do estado de Minas Gerais, foi possível observar a dinâmica da área urbana do município. Nota-se, de forma indiscutível, a relação entre materialidade e imaterialidade e seus respectivos códigos culturais que compõem a cidade. A partir da visita ao centro histórico, evidenciam-se as construções arquitetônicas coloniais e as ruas de pedra, bem como a apropriação desses espaços, que se tornam fundamentais para a subsistência de grande parte da população local,

na medida em que, essas estruturas são remodeladas e transformadas em pontos comerciais, como bares, restaurantes e lojas especializadas em objetos de decoração e lembrancinhas. Nas calçadas do centro, por exemplo, é comum encontrar a presença de artesãos, incluindo grupos de hippies e indígenas, que comercializam seus produtos, revelando a continuidade de práticas culturais tradicionais em diálogo com as dinâmicas do turismo expressivo na região.

Ainda no centro histórico, há a presença de uma grande corrente de ferro que delimita a área, com o objetivo de proteger as ruas de pedra e as construções coloniais. No entanto, essa estrutura pode ser interpretada como um símbolo de barreira e segregação, considerando que, a corrente restringe a circulação e limita as possibilidades de vivência nesse espaço. Ao controlar o acesso, ela contribui para o distanciamento da população local em relação à sua própria história e, de algum modo, descaracteriza o patrimônio arquitetônico, direcionando o uso do centro somente para fins mercadológicos.

Sob esse olhar, ao percorrermos o centro histórico, observa-se a quase inexistência de moradores locais circulando ou usufruindo daquele espaço, inclusive em suas imediações. O que se evidencia é um território direcionado quase exclusivamente à atividade turística, com forte presença de visitantes estrangeiros. A organização espacial e simbólica do local se mostra orientada para esse público, no qual grande parte dos estabelecimentos comerciais apresenta sinalizações em diferentes idiomas, e a oferta de serviços, produtos e experiências parece cuidadosamente moldada para atender às demandas externas.

Essa configuração contribui para a descaracterização do cotidiano da população residente, produzindo um ambiente que aparenta artificialidade, como se o espaço estivesse encenado para o consumo turístico e cooperando para a perda do sentido de pertencimento para os moradores. Nota-se um distanciamento progressivo dos moradores em relação ao centro histórico, seja por limitações econômicas, pela ausência de tempo decorrente das horas de trabalho, ou ainda por processos mais estruturais de segregação socioespacial.

A intensificação dessa segregação é evidente na medida em que o espaço central passa a ser apropriado prioritariamente por interesses mercadológicos, elevando custos e redefinindo usos, o que restringe o acesso e a permanência da população local. Fenômeno semelhante pode ser observado nas praias, onde a presença dos moradores se dá predominantemente na condição de trabalhadores vinculados a atividades de

subsistência em hotéis, pousadas, restaurantes ou no comércio informal. Assim, tanto o centro histórico quanto as praias se configuram como espaços de trabalho para a população residente e de lazer para os visitantes, reforçando desigualdades no acesso e na apropriação do território e evidenciando as contradições ao modelo de desenvolvimento pautado no turismo.

A religiosidade e a cultura caiçara de Paraty

Para além da lógica turística, Paraty apresenta um conjunto significativo de manifestações simbólicas e práticas sociais que estruturam a vida da população local. Entre esses elementos, se destacam as festividades religiosas vinculadas à tradição católica, herança do processo de colonização europeia, que introduziu referenciais simbólicos, arquitetônicos e institucionais que foram apropriados, ressignificados e mantidos ao longo do tempo. Essas manifestações não apenas expressam a religiosidade da comunidade, mas também são importantes mecanismos de coesão social e de afirmação identitária.

A devoção à padroeira Nossa Senhora dos Remédios ocupa lugar central nesse contexto. Sua primeira capela foi erguida no século XVII, após a doação de terras realizada por Dona Maria Jácome de Melo, devota que contribuiu decisivamente para a consolidação do culto na cidade. Com o crescimento urbano e o aumento da população, a pequena capela se tornou insuficiente para comportar o número de fiéis, o que levou os moradores a iniciarem a construção de uma nova igreja dedicada à padroeira. Essa construção, que permanece como um dos principais marcos arquitetônicos e religiosos do município, apresenta a peculiaridade de não ter tido suas torres concluídas.

As festas, missas, procissões e o culto aos santos são marcas de um passado presente nas memórias dos moradores da cidade. Segundo Souza (2008), na década de 90 alguns padres consideraram as festas e procissões algo ligado ao folclore e vendo que esses as discriminavam e até tentavam proibi-las, o padre que servia a paróquia elaborou uma espécie de estatuto que comemorava e instruia como deveriam ser realizadas as festas religiosas de Paraty.

A Festa do Divino é uma das mais tradicionais, conta com 10 dias de festejo ao Espírito Santo, com seu encerramento no dia de Pentecostes, e conta com atividades para arrecadação de fundos, como leilões, bingos, rifas, "barraquinhas" de venda de

alimentos, que são destinados às obras da Igreja, além da distribuição de comida a população em situação de vulnerabilidade econômica e shows para promoção do lazer a comunidade. A festa recebeu em 2013 o registro de Patrimônio Cultural Brasileiro do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural IPHAN em Brasília, afirmando que a festa "trata-se de uma celebração representativa da diversidade e da singularidade, com elementos próprios, fundamental para a construção e afirmação da identidade cultural do paratiense." (Paraty.com, 2025a).

Além disso, há também a festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. O festejo é realizado desde o século XVIII, atualmente acontece em novembro no Centro Histórico de Paraty. Festa essa que celebra a resistência e a devoção dos negros na região, realizada com folia para arrecadação de doações, com bandeiras que carregam as figuras dos santos em procissões ao som de ladainhas que rogam proteção e a manutenção da identidade da irmandade.

A cultura caiçara também constitui um forte sinal de resistência histórica em Paraty, reafirmando modos de vida que se estruturam na relação direta com o mar. A pesca artesanal, ainda praticada na atualidade, representa não apenas uma atividade econômica, mas um saber tradicional transmitido entre gerações, fundamentado no cuidado, seja na observação das marés ou na preservação. Além da pesca, existem manifestações culturais vinculadas ao artesanato em trançados de cipó e a culinária baseada em ingredientes provenientes do mar, compondo um patrimônio imaterial que fortalece a identidade caiçara e reafirma sua historicidade no espaço local.

Porém, esse modo de vida enfrenta inúmeras pressões decorrentes da expansão do mercado imobiliário, da modernização das atividades econômicas e da crescente influência de padrões culturais externos, frequentemente associados à lógica turística e à valorização mercadológica do território. Nesse cenário, a permanência e a valorização da cultura caiçara dependem de políticas públicas voltadas à proteção dos territórios tradicionais, à garantia dos direitos das comunidades locais e à preservação. No mais, o incentivo a práticas de turismo cultural sustentável pode contribuir para a geração de renda sem comprometer os fundamentos socioculturais e ambientais que sustentam a identidade caiçara tão presente no município.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos apontamentos realizados neste artigo, entende-se que a paisagem cultural de Paraty resulta da interação histórica entre sociedade, natureza, cultura e

diferentes formas de apropriação do espaço. A paisagem, portanto, ultrapassa seus aspectos materiais, incorporando práticas, valores, memórias e significados construídos pela população local.

Nesse processo, o turismo constitui um importante agente de transformação do município. Embora contribua para a valorização do patrimônio histórico e para a dinamização econômica, sua expansão também produz contradições, especialmente relacionadas à apropriação do centro histórico e das praias. As observações realizadas no trabalho de campo evidenciaram a predominância de usos voltados ao turista e o afastamento da população local desses espaços, que passam a ser apropriados principalmente como áreas de trabalho e consumo turístico. Ao mesmo tempo, as manifestações religiosas e a cultura caiçara demonstram a permanência de práticas, saberes e identidades que constituem a paisagem cultural de Paraty. A pesca artesanal, as festividades, o artesanato e a culinária representam formas de continuidade e resistência diante das transformações provocadas pela expansão do turismo e do mercado imobiliário.

Conclui-se, portanto, que a paisagem cultural de Paraty é dinâmica e marcada por diferentes temporalidades e disputas de apropriação. Sua preservação deve considerar não apenas o patrimônio material, mas também as comunidades, práticas e modos de vida que atribuem significado ao território. Assim, o desafio consiste em conciliar a atividade turística com a valorização da população local e a manutenção de sua identidade cultural.

REFERÊNCIAS

CAETANO, Jéssica Nene; BEZZI, Meri Lourdes. **Reflexões na geografia cultural: a materialidade e a imaterialidade da cultur**a. Disponível em:https://seer.ufu.br/index.php/sociedadenatureza/article/view/13321/pdf.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Paraty (RJ). **Cidades e Estados**. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/paraty.html. Acesso em: 15 set. 2025.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Apresentação. Brasília, DF: Ministério da Cultura, [2025]. Disponível em: https://www.gov.br/iphan/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/apresentacao. Acesso em: 14 set. 2025.

PAES, M. T. D. Trajetórias do patrimônio cultural e os sentidos dos seus usos em Paraty (RJ). Resgate - Rev. Interdiscip. Cult., Campinas, v.23, n.30, p. 105-118, jul./dez. 2015. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645810/13108. Acesso em: 13 set. 2025.

PARATY.COM. Festa de S. Benedito e N. S. do Rosário. Paraty, (2025a). Disponível em: https://paraty.com.br/festa-de-s-benedito-e-n-s-do-rosario/. Acesso em: 14 set. 2025.

PARATY.COM. Festa do Divino de Paraty. (2025b). Disponível em: https://paraty.com.br/festa-do-divino-de-paraty/. Acesso em: 14 set. 2025.

Pousada Porto Imperial. Cultura Caiçara: Conheça a rica tradição da região de Paraty. 2023. Disponível em: https://www.pousadaportoimperial.com.br/blog/cultura-caicara-conheca-a-rica-tradicao-da-regiao-de-paraty. Acesso em: 14 set. 2025.

SOUZA, Marina de Mello e. Paraty: a cidade e as festas. 2. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

UNESCO, 2025, (Página na internet).Disponível em: https://whc.unesco.org/en/list/1308. Acesso em: 15 set. 2025.